

MAIS CONSELHOS SENTIMENTAIS

RUBEM BRAGA

FIZ ontem uma crônica dando um conselho a uma pessoa em aflição de amor, e que tem vontade de escrever uma carta a um amigo — ou mesmo cronista — contando sua história e pedindo conselho. Meu conselho foi este: «escreva». Eu disse ainda mais: «escreva longamente, intimamente, largadamente, derramadamente, completamente... escrever faz bem...». Mas tive o cuidado de juntar: «mandar a carta é que é um erro».

Prometi me explicar melhor. Para começo de conversa — dirá a leitora inteligente — quem escreve é porque tem vontade de se comunicar, de desabafar com alguém. Se já começa a escrever sabendo que não vai mandar a carta, então a coisa fica sem graça. Mas a verdade é que eu não aconselhei minha leitora a não mandar a carta; apenas disse que mandar a carta é um erro... E a gente comete tantos erros nesta vida que nunca pode estar certa de que não vai cometer outro. Nunca lhe aconteceu escrever uma carta imensa, contando mil histórias, dizendo coisas seríssimas — e depois não mandá-la? A mim isso já me aconteceu mais de uma vez; e, para falar com franqueza, se já me arrependi na vida de alguma carta que escrevi, não foi de nenhuma dessas que não mandei.

Bem, o conselho é este: escreva. No fim, leia a carta e se achar que deve mandar, mande-a. Está bem? Então comece... Mas por favor não enfeite a história; não minta a si mesma escrevendo para outrem. Conte direitinho, com toda a exatidão e todos os detalhes: como se conheceram, como foi a princípio, o que foi que você sentiu, o que foi que você disse, o que foi que ele disse... Mas antes de escrever alguma coisa pense um pouco para escrever bem certo; e mesmo depois de escrever, achando que não foi bem assim, explique melhor.

Experimentalmente também ver a história, sentir a história, contar a história como se ela não se tivesse se passado com você mesma, e sim com uma amiga. Mas, por favor, não omita nenhum detalhe que você ache desagradável — ou mesmo ligeiramente humilhante. Faça de sua carta uma confissão. Pergunte a si mesma se não é verdade que você foi um tanto precipitada ou, ao contrário, um tanto piegas ou que, pelo menos, tenha podido dar essa impressão. Depois de escrever essas coisas todas pensando bem — passe a escrever sem pensar, escreva tudo o que lhe venha à cabeça, com a maior rapidez, mesmo que não faça muito sentido; escreva, escreva...

Bem, acabou. Não leia a carta agora; guarde-a bem escondida para ler amonhã. Talvez então você se sinta um pouco melhor; talvez sinta que a carta não exprime bem o que você queria dizer; de qualquer modo, deixe para levá-la ao correio no dia seguinte, ou outro dia... É possível que, lendo a carta uma semana depois, você se pergunte a si mesma se foi você mesma que escreveu aquilo — e a rasgue.

Mas então a inteligente leitora perguntará: se eu escrevi a carta e não mandei, de que adianta? Adianta, sim. Escrever faz bem por si mesmo, mesmo que ninguém nos leia; é um jeito que se tem de conversar com a gente mesmo e guardar a conversa para conferir depois.

Sim, sempre faz bem. E que não faça: ajuda o tempo passar. E aqui está talvez a única certeza que aprendi dessas coisas de amor: o único remédio seguro é o tempo.

★

Você me dirá, calma amiga, que o tempo custa demasiado a passar. É verdade; custa, às vezes, uma eternidade. Mas passa. E a gente tem mais de uma eternidade na vida...

Cláudia 18
DN abril 1969

DN 18 Maio 69

11804

"A Aflição"

Redigida por
Cláudia 18

DN - 4.5.67

266